

CONGRESSO INTERNACIONAL
“A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E A EDUCAÇÃO
INTERGERACIONAL no contexto do envelhecimento no meio
rural e urbano: atividades, técnicas, métodos e estratégias para
uma vida ativa.

CONCLUSÕES

“Douro, meu belo país do vinho e do suor,
bárbaro canto arrancado à penedia
por um destino que nos faz andar
da alma para os olhos, dos olhos para alma!”

Os versos de António Cabral, embalados num Sol menor e soprados pela leve brisa do Douro, aqueceram o Auditório Municipal de Alijó para iniciar aquele que seria o primeiro de três dias em que se elogiou a velhice e se convidou à reflexão sobre o saber envelhecer.

Em três dias de reflexão, assinamos todos um compromisso cultural, na partilha de conhecimento, legitimando a ASC como catalisadora de um diálogo intergeracional.

A poesia continuou, no encontro com a palavra em rima, que nos ensinou que começamos a envelhecer quando nascemos. E que o processo de envelhecimento é um processo continuum, que inicia no útero e só termina quando tudo o resto acaba.

Seremos velhos. Todos nós. E se Portugal é um país de velhos, teremos que nos questionar sobre o Ser ou não Ser velho e saber distinguir o velho cronológico do velho fisiológico. Se outrora a velhice determinava as doenças e a enfermidade, hoje, com o aumento da esperança média de vida, são as doenças que determinam a velhice.

O Painel I: Animação Sociocultural, Gerontologia e Intervenção Educativa
Trouxe-nos a intergeracionalidade como resposta indicada para fazer frente às alterações nas famílias, na comunidade e nas relações de convivência entre elas.

Trouxe também a perspetiva da formação universitária para a ASC na Terceira idade, reforçando que a Escola da Vida será sempre um complemento da escola durante a vida. E são os que ambicionam um envelhecimento ativo que devem construir a sua própria escola, alinhando

as suas capacidades com as suas curiosidades, resultando daí a sua aprendizagem.

Assistimos, e inspiramo-nos, com a apresentação de projetos, boas práticas, com resultados encorajadores, que prova que uma educação assertiva e uma intervenção comunitária incisiva promove a sustentabilidade do envelhecimento bem-sucedido, desde que se parta das necessidades, interesses e potencialidades dos participantes.

Mas o envelhecimento da população é, ainda, um dos grandes desafios da atualidade.

É necessário saber interpretar as questões do envelhecimento. É premente construir uma nova narrativa sobre o envelhecimento, para que o possamos interpretar e entender, para então agir. A realidade assim reclama.

Este congresso também permitiu saborear algumas atividades mais práticas.

Experimentou-se, partilhou-se, ensaiou-se, provou-se, provocou-se, refletiu-se sobre a ASC e a educação intergeracional no contexto do envelhecimento, em **Oficinas, Workshops e Grupos de Trabalho**, que permitiram não só conhecer diferentes contextos, em diferentes lugares da vila de Alijó, mas também pensar sobre a importância da ASC, no potenciamento de um envelhecimento com vida ativa. Mais uma vez assistimos à demonstração de boas práticas inspiradas nos mais diversos âmbitos, de que são exemplo a Inteligência Emocional, a Animação Estimulativa, a música, o movimento cénico, o mindfulness, as TIC, a neuroanimação, a ciberanimação, as intervenções em ASC assistidas por animais... Também se discutiram outros aspetos, como a sexualidade do idoso, os princípios éticos e a deontologia na intervenção social, cultural e educativa e o papel do associativismo na promoção do bem-estar do idoso, mas também do jovem, da criança... de qualquer um de nós.

A pessoa não é definida pela idade que tem.

Aprender ao longo da vida é um direito fundamental de todos os cidadãos, independentemente da idade ou condição física, psicológica, social ou cultural.

Sabemos, porém, que vários fatores condicionam a aproximação aos contextos educativos. Será essa a missão do Animador Sociocultural e outros Educadores: aproximar os indivíduos. Todas as pessoas têm direito a experiências educativas e o acesso a oportunidades em contextos

socioeducativos e culturais, mesmo que isso só aconteça numa idade mais avançada da vida.

Este é o impulso. A nova *paideia*, como se de um desafio se tratasse, para reconhecermos a *pedagogia dos sábios da vida*, servindo-nos das vivências e experiência dos séniors e da sua complexidade pessoal, num exercício de racionalidade evidente.

Sem receio de lutar contra o idadismo, por mais que custe verificar a sua existência, fraturando o preconceito que nos habituou à ideia de que a idade é uma barreira que nos distingue e separa.

Pretende a ASC contribuir para o conhecimento das políticas com o objetivo de entender (para modificar) as práticas de envelhecimento ativo que apenas normalizam, uniformizam e são castradoras da liberdade do ser humano.

As pessoas envelhecem de forma diferente. São plurais.

É essencial tratar o próximo com dignidade, independentemente da idade. E dignidade é ter respeito pelas suas vontades e atenção às suas vulnerabilidades.

Nessa linha de ação, a educação para o empreendedorismo social, como resposta às múltiplas questões económicas, é também uma resposta aos constantes desafios de uma comunidade sempre em mudança.

O Painel II: Animação Sociocultural, Educação Intergeracional e Intervenção Cultural e Artística nos Idosos

Lembrou que as artes podem e devem funcionar como retardador do envelhecimento. Espreitou-se o perfil do animador e da formação do Animador Sociocultural/ gerontólogo, que privilegia a mediação intergeracional, através de um diálogo participado, onde as atividades de ASC rentabilizam o tempo e não são instrumento para matar o tempo. Refletiu-se sobre as representações acerca do envelhecimento e descobrimos como é importante perceber como os jovens veem os velhos; como os velhos se veem a si próprios e como os velhos veem os jovens.

Porque a ASC tem como função social considerar a opinião dos seniores e promover a sua participação, no sentido de normalizar as relações intergeracionais.

Também a Música tem o seu papel exploratório, de catarse, no processo de envelhecimento ativo. Para além dos efeitos bioquímicos e fisiológicos,

tem também contributos psicológicos e sociais. Facilita a comunicação connosco próprios e com os outros, adivinhando-se uma relação mais próxima entre todos.

Como a música, também as artes e a prática teatral, em articulação com uma estratégia gerontológica centrada nas pessoas, são um forte contributo para a saúde e bem-estar, fazendo das artes e humanidades uma abordagem complementar ao trabalho do educador social, num conceito de gerontologia humanista, questionando sobre: *o que é envelhecer?* E o Teatro? Sim. Também valida a memória. Chegaram testemunhos além-fronteiras que nos elucidam e, noutros contextos, mais próximos, apesar das suspeitas de que “Isto cá para mim são gases!”, todos reconhecemos que é a memória que nos diz quem somos e o que fizemos e, porque não, o que seremos.

Mais exemplos, como a Literacia digital, que aqui viu reforçado o seu papel decisivo na adaptação dos mais velhos à sociedade digital e, assim, à infoinclusão.

Ou o Turismo Social, como facilitador no acesso ao lazer e cultura. É importante oferecer experiências que promovam o lazer, a socialização e a troca de conhecimentos entre diferentes gerações.

No Painel III: Animação Sociocultural e Bem-Estar nos Idosos

Discutiu-se a importância do Mindfulness, como produtor de transformação pessoal. Para o indivíduo passar a ter maior clareza de pensamentos e controlo emocional.

Sabemos que a questão da longevidade não pode ser ignorada. Vamos viver mais. Importa saber se vamos viver melhor. Mas o futuro aparenta ser otimista, com o aparecimento de modelos relativamente recentes, que substituíram a abordagem focada nas patologias e que agora se preocupam com o envelhecimento bem-sucedido; ativo, positivo, através da participação e do envolvimento das pessoas na comunidade.

Se o envelhecimento foi, continua a ser, uma das maiores conquistas do ser humano, então não se pode transformar num problema. São necessárias reformas radicais, que nos orientam para boas práticas sociais.

Práticas que levem à melhoria da qualidade de vida, utilizando a intervenção social e comunitária como resposta a problemáticas sociais que o envelhecimento intensifica: como o desemprego, o emprego precário, a precariedade económica, a solidão, a exclusão social...

A saúde deixou de ser o monopólio das patologias e ultrapassou a dimensão médica, para se aproximar da dimensão pedagógica e cultural, e, assim, sujeito à diversidade cultural que nos distingue uns dos outros. Essa singularidade é um elogio.

O ser humano merece ser contemplado, admirado, amado. Por admirarmos o ser humano, devemos defendê-lo das ameaças dos anos que passam. E aparecem soluções como a neuroanimação: estratégia que vai beber as suas práticas à neuriciência, para “manter o cérebro em forma”.

O Painel IV: A Animação Sociocultural, as Novas Tecnologias e os Novos Desafios para a Terceira Idade

Ofereceu muitos outros exemplos de boas práticas, tais como o canal tv IHSÉNIOR, as atividades realizadas numa pequena biblioteca de aldeia da Lapa do Lobo, através de uma Fundação lá instalada, o Programa “Ultravioleta” na Associação de Melhoramentos Pró-Outeiro (AMPO), com a estrela da manhã VIOLETA, ou ainda as diversas propostas sobre a enormidade do ciberespaço como rede colaborativa de encontro.

O Painel V: A Gestão, a Programação, a Planificação e a Intervenção Social, Cultural e Educativa em Instituições para a Terceira Idade

Reforçou que, mais do que envelhecimento ativo, almeja-se um envelhecimento com vida ativa, que confira ao sénior uma atividade virada para os seus próprios interesses, centrada no seu próprio saber, acolhendo o saber e sabor da vida e dos que dela fazem parte.

Um envelhecimento com vida ativa que promova a equidade e a otimização de oportunidades, independentemente de qualquer fator, para além do simples facto de sermos humanos.

E trabalhar com seres humanos é um constante desafio. Podemos ser sábios, profissionais, mas teremos sempre dúvidas, incertezas, inseguranças. É urgente uma preparação criteriosa dos profissionais que diariamente trabalham com estas populações, evocando a Inteligência Emocional ou a Arteterapia, no sentido de desenvolver ferramentas para os capacitar a enfrentar os problemas e resolverem as situações quando se encontram emocionalmente mais envolvidos.

A vida, como se sabe, é uma coreografia que deve ser dançada ao ritmo de cada um, mas que pode e deve ser experimentada num ritmo

conjunto, para evitar o confronto e elogiar o contacto social, cultural, educativo de todas, sem exceção, de todas as pessoas. Envelhecemos a cada segundo, de facto. Mas a vida é para ser vivida. Não para ser envelhecida.

O Padre Fontes: estará velho ou envelhecido?

A terminar, “por outras palavras” de Carlos Tê, que datam de 2014.

“Gosto de pessoas, de (dar e receber) afetos, das palavras (e do poder que elas têm sobre cada um).

Gosto de gente que gosta de gostar dos outros.

Gosto de gente que luta e se desunha por um sonho.

Gosto de gente que escuta o outro e que quer crescer por dentro.

Gosto de gente que, mesmo com pouca escolaridade, soube ou sabe ser sábia, curiosa, astuta e ávida de conhecimento.

Gosto de gente simples, mas educada, que, mesmo sem ‘um canudo’, sabe ser o melhor ser humano do mundo”.

Qualquer ser humano, pode ser o melhor, o mais válido, o mais sábio ser humano do mundo. E neste congresso concluiu-se isso mesmo.

Rui Fonte | Alijó, 20 de outubro de 2018